

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO / ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA  
CLÍNICA E INSTITUCIONAL

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA  
ESTUDO DE CASO**

**JORCELINA SOUZA PENA ROCHA**

**ANÁPOLIS-GO**

**2010**

**JORCELINA SOUZA PENA ROCHA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

Estudo de Caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica. Sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Sueli de Paula Cunha.

**ANÁPOLIS-GO  
2010**

**JORCELINA SOUZA PENA ROCHA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 02 de Outubro de 2010.

APROVADA EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ NOTA \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Sueli de Paula Cunha

Orientadora

---

Ms. Maria Inácia Lopes

Convidada

---

Ms. Antônio Fernandes dos Anjos

Convidado

### Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me querem bem e especialmente ao meu esposo, meu ajudador e companheiro.

## Agradecimento

A Deus,  
pelo dom da vida, pela inteligência, pela vida eterna que nos garante por meio de Jesus Cristo.

Aos meus pais: José Vieira Pena Sobrinho e Firmina de Souza Pena, a quem devo grande gratidão.

Aos professores, pela transmissão de conhecimento e experiência no fazer psicopedagógico.

Em especial, à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Ms. Sueli de Paula Cunha.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>08</b>
1.1 Psicopedagogia clínica.....	08
1.2 Problemas de aprendizagem.....	09
1.3 O lugar da família na aprendizagem.....	11
1.4 Questões emocionais, vínculos de aprendizagem.....	12
1.5 Queixa.....	13
<b>2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS .....	14
2.1.1 Anamnese.....	14
2.1.2 Entrevista com o cliente.....	16
2.1.3 Atividade lúdica .....	16
2.1.4 Provas operatórias .....	17
2.1.5 Provas projetivas psicopedagógicas.....	17
2.1.6 Jogo de regras .....	19
2.1.7 Provas pedagógicas .....	19
2.1.8 A Hora do Jogo.....	20
2.1.9 Entrevista com a professora .....	20
2.1.10 Observação do material escolar .....	20
<b>3 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS .....</b>	<b>21</b>
3.1 ANAMNESE .....	21
3.2 PRIMEIRA ENTREVISTA COM O CLIENTE .....	23
3.3 ATIVIDADES LÚDICAS .....	24
3.4 PROVAS OPERATÓRIAS .....	24
3.5 PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS .....	26
3.6 JOGO DE REGRAS .....	28
3.7 PROVAS PEDAGÓGICAS .....	29
3.8 A HORA DO JOGO .....	32
3.9 ENTREVISTA COM A PROFESSORA .....	33
3.10 OBSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR .....	34
<b>4 HIPÓTESE DIAGNÓSTICA .....</b>	<b>35</b>

5 SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37
ANEXOS .....	39

## 1 APRESENTAÇÃO

A criança, ao nascer instala-se em uma constelação de significações que vêm preencher muitos desejos, carências, objetos dos pais. Até o nome escolhido tem um motivo.

Qual é a posição da criança frente às circunstâncias?

Toda relação educacional envolve uma relação transferencial entre os envolvidos.

Geralmente as pessoas que vivem um fracasso escolar vêm marcadas por inúmeros insucessos na família, na escola, no grupo, onde percebem que não dão conta de satisfazer as expectativas dos outros, estando sempre aquém.

A tarefa do psicopedagogo é como a de um joalheiro que com seu olhar distinto pode levar o aprendiz a se sentir como uma jóia única, levando-o a se encontrar, é devolver aquilo que ela acha que se perdeu, mas está bem presente no momento. (anseio do saber).

O psicopedagogo, conforme a complexidade das dificuldades busca a parceria com outros profissionais, pois nenhuma ciência dá resposta para tudo e para todos.

A clínica psicopedagógica é uma clínica do singular para o particular porque cada pessoa atendida possui necessidades específicas, individuais e particulares conforme o seu histórico e aspectos específicos relacionados com a educação e aprendizagem.

### 1.1 Psicopedagogia Clínica

A Psicopedagogia, como afirma Bossa,(1994,p.5) “nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem” possui dois campos de atuação: o institucional ou preventivo e o clínico.

No campo preventivo, a atuação do psicopedagogo é feita com a instituição e consiste em analisar os processos didático-metodológicos adotados e propor mudanças que venham sanar ou pelo menos diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem, isso em um primeiro nível. Num segundo nível, detecta-se problemas já instalados e, por meio da criação de um plano diagnóstico da realidade da instituição, propõem-se estratégias de ação para que os transtornos não mais se repitam. Num terceiro nível, procura-se sanar os problemas já instalados.

No campo clínico, o trabalho do psicopedagogo é diretamente com o sujeito, ou seja, com o aluno que apresenta problema de aprendizagem. É um trabalho muito complexo em

que o psicopedagogo tem que se conhecer primeiro como aprendente, qual a sua modalidade de aprendizagem, para depois tentar descobrir a modalidade de aprendizagem do outro e diagnosticar as fraturas existentes nesse processo e que estão levando a criança ou adolescente ao fracasso escolar, propondo uma "linha de ação" para intervir de modo a "curar" as fraturas encontradas.

A prática da psicopedagogia clínica demanda muito estudo, dedicação e perseverança. O psicopedagogo clínico, precisa saber o que é ensinar e o que é aprender e quais os fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem.

No trabalho clínico o psicopedagogo irá descobrir como e o que o sujeito pode aprender e procurará perceber o que ele deseja conhecer e o que prefere ignorar. Para que isso aconteça é preciso desenvolver o que se chama de "escuta psicopedagógica" a fim de se "decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção" (BOSSA, 1994, p. 15).

Para se chegar ao ponto de entender o sujeito, ouvir a mensagem que ele está tentando passar, ter uma "atitude clínica" é necessário embasamento teórico sólido que constituirá uma "matriz teórico interpretativa" (BOSSA, 1994, p. 15). No dizer de Fernández 1991, precisamos conhecer sobre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, pois esses quatro níveis estão envolvidos no ato de aprender.

## 1.2 Problemas de aprendizagem

Fernández 1991 identifica duas ordens de causas para o fracasso escolar, sendo as externas a estrutura familiar e individual da pessoa que apresenta problemas de aprendizagem ou as internas a estrutura familiar e individual.

Quando as causas são externas diz-se que o problema de aprendizagem é reativo; ao contrário, se são internas diz-se tratar-se de sintoma e inibição cognitiva.

O problema de aprendizagem reativo é resolvido por meio de planos de prevenção nas escolas; esses planos consistem em lutar para que o professor ensine com prazer e o aluno também aprenda com prazer; lutar contra a violência encoberta e aberta do sistema educacional. Se o problema já se instalou é necessário que o psicopedagogo interfira, indicando ações adequadas para resolvê-lo; essas ações podem ser "assessoramento à escola, mudança de escola, orientação, a uma ajuda extra-escolar mais pautada, a um espaço de aprendizagem extra-escolar expressivo, etc." (FERNÁNDEZ, 1991, p. 81).

Quando o fracasso escolar tem como causa problema de aprendizagem interna (sintoma ou inibição) o trabalho do psicopedagogo é feito, numa intervenção especializada, com grupo de tratamento psicopedagógico à criança, grupo de orientação paralela às mães, tratamento psicopedagógico individual, oficina de trabalho, recreação e expressão com objetivos terapêuticos, entrevistas com a família, entre outras ações possíveis. Há ainda a possibilidade menor de o fracasso ser causado por problema mental (psicose) ou, por porcentagem menor ainda, por problema orgânico.

O problema de aprendizagem que constitui um sintoma ou inibição interfere na perfeita articulação que deve haver entre os níveis de inteligência, desejo, corpo e organismo, prejudicando assim, a estruturação da “corporeidade”, ou seja, do indivíduo consciente e ser humano em sua plenitude. É o que Fernández (1991, p. 82) denomina de “aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente”. Para entendermos o sistema, temos que nos aproximar da família do indivíduo e da sua história para observarmos como se dá a articulação entre os níveis já mencionados, que constituem os fatores imprescindíveis à aprendizagem. Localizado o problema, deve-se seguir um tratamento psicopedagógico adequado de modo a libertar a inteligência dessa criança e mobilizar a família no sentido de melhorar em seu seio a circulação do conhecimento.

No caso do problema de aprendizagem reativo, a inteligência do sujeito não chega a ser aprisionada; o seu aparecimento está ligado a choques entre a escola e o aprendiz, que se julga excluído, marginalizado. Nesse caso, o tratamento psicopedagógico não deve ser direcionado ao não-aprendente, mas à sua escola, procurando modificar a sua metodologia-ideologia-linguagem-vínculo. Há casos tão sérios de choque com a escola, que se recomenda até que aluno seja transferido para outra.

Paín, (1991, p. 82) afirma: "A função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada d.e uma coisa ou de outra, mas a forma como se instrumenta esta educação pode ter efeito alienante ou libertador. Fundamentalmente, a existência da psicopedagogia clínica implica o fracasso da pedagogia".

"De fato, uma educação profilática desde a latência, evitaria a maioria dos problemas de aprendizagem, porém tal educação tem que se inserir em uma realidade onde não seja exceção ou paliativo, mas a modalidade mesma da transmissão da cultura. Em outro instrumento de poder, esse processo tem uma missão alienante na qual a enfermidade cobra o sentido da denúncia, da mesma maneira que o barraco acusa e capitalismo. Mas essa denúncia é no sujeito, renúncia. E a ambas aponta o tratamento para não ficar na manipulação técnica do

indivíduo com o objetivo de reparar sua maquinária pensante, de maneira que possa adequar-se à engrenagem, mas promover nele, simultaneamente a um máximo de independência e auto-valorização, a concretização de uma sociedade, onde seu problema não seja possível". (PAÍN Apud FERNÁNDEZ, 1991, p. 82 ).

Pelo que Paín nos diz no trecho citado acima, podemos inferir que está responsabilizando a sociedade pelo tipo de educação que proporciona aos menos favorecidos, causando em seus filhos a maior parte dos transtornos de aprendizagem. É o que Fernández chama de "sociedade enferma e causadora de enfermidades".

### 1.3 O lugar da família na aprendizagem

Não há dúvida de que a família exerce um importante papel no desenvolvimento cognitivo da criança ou adolescente.

Uma das melhores maneiras de diagnosticar o problema de aprendizagem do nosso paciente é procurar olhá-lo, conhecê-lo através da família.

Fernández, (1991, p. 24) "A evidência do lugar da família na gênese e manutenção do sintoma no aprender".

A mesma autora afirma que "a origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. O sintoma se ancora em uma rede de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual. A criança suporta a dificuldade, porém necessária e dialeticamente, os outros dão o sentido" (FERNÁNDEZ, 1991, p. 30).

Mannoni 1996 vai mais longe sobre a importância da família no desenvolvimento da criança, afirmando que para compreendê-la é necessário recorrer a pelo menos à terceira geração de antecessores.

Fernández 2004 chama de estrutural a análise da estrutura interna do paciente e de dinâmica a que diz respeito à rede de vínculos da estrutura familiar. Para ela, é necessário, na clínica, analisar e intervir no ponto de articulação entre o estrutural e o dinâmico.

Concluindo, a família não pode ser ignorada ao tentarmos diagnosticar a causa do fracasso escolar do paciente; ao contrário, citando novamente Fernández (1991, p. 30): "Nós, tomando como protagonista a família pretendemos já desde a convocação, ter uma intervenção operativa *em* relação à mobilidade desse lugar do saber dos pais. Todos têm algo a dizer".

Durante o tratamento psicopedagógico torna-se necessário “devolver à família a

possibilidade de pensar, de fazer-se perguntas de questionar-se e refletir. [...] Tratamos de devolver-lhes a possibilidade de encontrarem-se com seus aspectos sadios, para que dali eles mesmos possam descobrir os caminhos para mudar” (FERNÁNDEZ, 1991, p.30).

#### 1.4 Questões emocionais, vínculos de aprendizagem

Na construção do conhecimento dois aspectos são indissociáveis aspectos: afetivos e aspectos cognitivos. Os cognitivos oferecem os meios e os afetivos as razões para o indivíduo relacionar-se bem com o objeto de conhecimento.

Para Piaget esses dois aspectos constituem os complementares de toda ação humana: a afetividade promove a motivação e energia da ação, enquanto a cognição promove a seleção e ajustamento dos meios empregados. Não existem atos exclusivamente afetivos ou intelectuais. Esse dois componentes devem estar juntos para que haja desenvolvimento intelectual.

Psicólogos e educadores subestimavam a importância do papel que o desenvolvimento afetivo exercia no desenvolvimento intelectual. O indivíduo tem que se sentir aceito, amado, acolhido para que tenha prazer em aprender. Por isso é muito importante que os portadores do conhecimento (pais, professores) estabeleçam vínculos com o aprendiz. Se a criança tem problemas emocionais ela tem dificuldade em dedicar-se ao trabalho, gerando com isso uma defasagem.

O aspecto afetivo tem, portanto, uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode diminuir ou acelerar o ritmo de desenvolvimento.

A criança que gosta de matemática faz rápidos progressos. O comportamento é influenciado pela afetividade.

O aspecto afetivo é responsável pela ativação da atividade intelectual e pela seleção dos objetos sobre os quais agir.

A aprendizagem é um ato humano; nós nos humanizamos ao aprender e para aprender é necessário que nos sintamos gente; para ser gente é indispensável que sejamos tratados com “amor” e possamos dar vazão aos nossos sentimentos e emoções, que são parte integrante de nossa vida psíquica.

#### Relação Entre o Mundo Social e o Desenvolvimento Cognitivo

Na visão de Vygotsky (Apud FLEURY, 1998) o conhecimento é um processo social desde o nascimento. A criança, em contacto com adultos ou pares mais competentes tecnológica e culturalmente, vai, por colaboração, adquirindo o conhecimento disponível no

contexto em que vive.

Vygotsky baseia-se em Baldwin quando argumenta que os processos interpessoais são transformados em características intrapessoais. Para Baldwin (Apud FLEURY, 1906, 323): “a imitação me capacita de passar de minha experiência do que você é para a interpretação do que eu sou; e então do sentido mais pleno do que eu sou, volto para um conhecimento mais pleno do que você é”. Continuando, a autora enfatiza que Piaget reconhece que “Baldwin viu claramente que a formação do “self” está ligado às precoces relações interpessoais e especialmente à imitação” (Piaget, 1994,31). Piaget deu menor atenção aos fatores sociais do que Vygotsky, para quem a criança é social desde o nascimento. Postulava que a criança passava primeiro por uma fase individual que progressivamente se tornava social.

Para Vygotsky,(1988,22) “um maior conhecimento é alcançado com a colaboração de outras pessoas mais competentes em habilidades, instrumentos e tecnologias de sua cultura. Este conhecimento não é visto como algo exterior à criança e que deve ser colocado dentro dela, sem dúvida ele é criado no verdadeiro processo de interação – um produto encaixado no qual a criança tem uma parte, baseada em seu entendimento anterior e em seu grau de envolvimento”.

O meio, portanto, é fator importante para o desenvolvimento intelectual do aluno. Quanto mais rico em oportunidades para todos mais rapidamente o problema do fracasso escolar será resolvido.

### 1.5 Queixa

O aprendente W.P.O. sexo masculino, dez anos, cursando o 4<sup>o</sup> ano do ensino fundamental, escola pública, apresenta dificuldade de aprendizagem que influi na leitura e na escrita, pode ter uma dinâmica familiar que interfere no desempenho e progresso escolar.

Não gosta de estudar, mudou muitas vezes de escola, tem dificuldade em leitura e escrita, é irrequieto, tem dificuldade de se concentrar e executar as atividades que requerem tempo e atenção. De modo geral é bom aluno, mas as vezes ele prefere “aprontar” ao invés de fazer o que lhe é pedido.

Foi indicado pela professora da escola. Ele tem potencial, é inteligente, porém, desanimado, apresenta falta de dedicação aos estudos, suas notas estão sempre abaixo da média ou no limite exigido para um bom desempenho.

## 2 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

### 2.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Segundo Fernández (1990), o psicopedagogo utiliza instrumentos específicos de avaliação. Dentre os instrumentos que irão nortear as propostas de intervenção Psicopedagógicas estão os testes de inteligência, as provas de nível do pensamento, a avaliação do nível pedagógico, a avaliação perceptomotora, os testes projetivos, os testes psicomotores e outros.

Contudo, como ressalta Campos (1994), a importância da ação psicopedagógica, deverá sempre considerar a subjetividade do aluno, bem como a subjetividade de cada situação, e a complexidade dos fatores que a permeiam.

Segundo Weiss (2003), na clínica as técnicas utilizadas situam o sujeito e o problema que este apresenta nos eixos horizontal e vertical. No eixo horizontal explora-se o campo presente, no qual a busca está centrada nas causas que coexistem temporalmente como sintoma. Neste momento são utilizados instrumentos próprios da área psicopedagógica, tais como: Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A.), Avaliação do Nível Pedagógico, Provas Operatórias Piagetianas, Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, Entrevista Não-Diretiva e observação de materiais contendo produções do sujeito, além de encaminhamentos para especialistas capazes de avaliar órgãos funcionais e sensoriais.

O eixo vertical corresponde ao histórico do desenvolvimento e do desempenho do sujeito. Aqui são utilizadas anamneses com a escola e com a família, entrevistas não-diretivas com professores, diretor ou coordenador da escola, consulta a exames e laudos médicos, observação de materiais contendo produções escolares do sujeito em fases anteriores e atuais e até mesmo observação de fotografias correspondentes a diferentes fases e momentos da vida.

#### 2.1.1 Anamnese

A anamnese é uma das peças fundamentais deste quebra-cabeça que é o diagnóstico. Através dela nos serão reveladas informações do passado e presente do sujeito juntamente com as variáveis existentes em seu meio. Observaremos a visão da família sobre a história da criança, seus preconceitos, expectativas, afetos, conhecimentos e tudo aquilo que é depositado sobre o sujeito. A família, por sua vez, também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os

primeiros ensinantes e as "atitudes destes frente às emergências de autoria do aprendente, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos" (FERNÁNDEZ,2001).

Weiss nos diz que:

As observações sobre o funcionamento cognitivo do paciente não são restritas às provas do diagnóstico operatório; elas devem ser feitas ao longo do processo diagnóstico. Na anamnese verifica-se com os pais como se deu essa construção e as distorções havidas no percurso... (2003, p.106).

Toda anamnese é em si, uma intervenção na dinâmica familiar em relação à "aprendizagem de vida". No mínimo se processa uma reflexão dos pais, um mergulho no passado, buscando o início da vida do paciente, o que inclui espontaneamente uma volta à própria vida da família como um todo (Id. Ibid., 2003, p. 63).

Segundo Weiss, o objetivo da anamnese é "colher dados significativos sobre a história de vida do paciente" (2003, p. 61). Consiste em entrevistar o pai e/ou a mãe, ou responsável para, a partir disso, extrair o máximo de informações possíveis sobre o sujeito, realizando uma posterior análise e levantamento do sistema de hipóteses. Para isto é preciso que seja muito bem conduzida e registrada. O psicopedagogo deverá deixá-los à vontade "... para que todos se sintam com liberdade de expor seus pensamentos e sentimentos sobre a criança para que possam compreender os pontos nevrálgicos ligados à aprendizagem". (Id. Ibid., 2003, p, 62).

Deixá-los falar espontaneamente permite ao psicopedagogo avaliar o que eles recordam para falar, qual a seqüência e a importância dos fatos. O psicopedagogo deverá complementar ou aprofundar. Conforme Weiss (2003, p. 64):

[...] em alguns casos deixa-se a família falar livremente. Em outros, a depender das características da família, faz-se necessário recorrer a perguntas sempre que necessário. Os objetivos deverão estar bem definidos, e a entrevista deverá ter um caráter semi diretivo.

De acordo com Paín (1992, p.42), a história vital nos permitirá "... detectar o grau de individualização que a criança tem com relação à mãe e a conservação de sua história nela." É importante iniciar a entrevista falando sobre a gravidez, pré-natal, concepção.

É necessário saber sobre a evolução geral da criança, como ocorreram seus controles, aquisição de hábitos, aquisição da fala, alimentação, sono etc., se ocorreram na faixa normal de desenvolvimento ou se houve defasagens.

Weiss (2003), nos orienta também saber sobre a história clínica, quais doenças, como foram

tratadas, suas conseqüências, diferentes laudos, sequelas. A história escolar é muito importante, quando começou a frequentar a escola, sua adaptação, primeiro dia de aula, o seu comportamento, e o relacionamento com professores e alunos da escola.

### 2.1.2 Entrevista com o cliente

Segundo Pain (1986), a entrevista é uma conversação entre duas ou mais pessoas (o entrevistador e o entrevistado) em que perguntas são feitas pelo entrevistador para obter informação do entrevistado. Neste trabalho acadêmico foram entrevistadas; a diretora, a coordenadora e uma professora da instituição.

A entrevista foi feita para coletar dados e informações sobre o funcionamento diário da instituição, conhecer a opinião de cada funcionário entrevistado sobre algumas situações em relação à aprendizagem dos alunos, participação dos pais nessa aprendizagem.

### 2.1.3 Atividade lúdica

Ao brincar o aprendente demonstra a aproximação do tipo de inter-relação inteligência – desejo – corporeidade, a partir da qual decidiremos a necessidade ou não de observar outros aspectos mais relevantes.

Segundo Fernández (1990), o brincar possibilita o desenvolvimento das significações do aprender.

Brincando, as crianças exploram, perguntam e refletem sobre as formas culturais nas quais vivem e sobre a realidade circundante, desenvolvendo-se psicológica e socialmente. O brincar é, pois, uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento e a educação das crianças pequenas. No ato de brincar ocorrem trocas, as crianças convivem com as suas diferenças, dá-se o desenvolvimento da imaginação e da linguagem, da compreensão e apropriação de conhecimentos e sentimentos, do exercício da iniciativa e da decisão.

As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e os jogos com regras são considerados os conteúdos do brincar que se organizam em torno de atividades mais ou menos interativas, mais ou menos simbólicas e mais ou menos regradas.

#### 2.1.4 Provas operatórias

Criado por Piaget, as provas operatórias partem de um método clínico, de conversação livre com a criança sobre um tema dirigido pelo interrogador que segue as respostas da criança, que lhe pede que justifique o que diz.

O exame clínico tem a ver ao mesmo tempo com a experiência, na medida em que o interrogador faz hipóteses, faz variar as condições em jogo, testa a constância, faz contra-sugestões, controla pelos fatos cada hipótese etc.. E ao mesmo tempo com a observação direta.

Fernández, (1991). As provas operatórias são instrumentos de avaliação com questões abertas, formuladas com o objetivo de diagnosticar as etapas da construção do conhecimento em que os alunos se encontram.

Devem ser elaboradas para avaliar o desenvolvimento de operações mentais tais como a análise, a comparação, a generalização e a interpretação. Para tanto, deve-se refletir sobre o tipo de habilidade mental que se pretende avaliar, quais foram às habilidades mais significativas desenvolvidas no trabalho em sala de aula, que níveis de aprofundamento devem ser avaliados em relação ao desenvolvimento cognitivo dos alunos. É importante que a questão tenha uma relação direta explícita com o conhecimento construído em sala de aula.

#### 2.1.5 Provas projetivas psicopedagógicas

É o conjunto de provas de experimentação, usadas para rastrear nas crianças as noções que são objetos de estudo. (noções de tempo, espaço, conservação, causalidade, número, etc), Piaget 1979 mediante as provas de Diagnóstico Operatório podem determinar o grau de aquisição de algumas das noções chaves do desenvolvimento cognitivo.

Cada uma das provas do Diagnóstico Operatório é uma situação experimental bastante elaborada que nos permite determinar as potencialidades do pensamento da criança através de interrogações.

## Par educativo

De acordo com Visca (1995), o “par educativo” é usado para avaliar crianças, adolescentes, jovens e adultos, para a investigação de vínculos com a aprendizagem entre ensinante e aprendente para verificar a expressão pessoal de cada indivíduo por meio de desenho, relato, escrita, detalhes expressos numa folha de papel.

Cada traço do desenho tem uma particularidade, por isso é preciso ser observado e analisado minuciosamente, para não ter erros de interpretação dos aspectos de subjetividade latentes no ser humano que desenha e se expressa ao mesmo tempo.

Devemos observar nos desenhos registrados:

- posição;
- tamanho;
- distância;
- correspondência com idade, relato e desenho.

## Eu e meus companheiros

Visca (1995) tem como objetivo estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de sala. Quando um indivíduo pertence a um determinado grupo, sua aprendizagem depende também das influências e do vínculo que estabelece com os demais membros do grupo. Ao se relacionar, trocar idéias se enriquece e enriquecem os outros pela troca de informações.

## Família educativa

De acordo com Pain (1986) este teste consiste em averiguar a representação que o entrevistado faz dos membros familiares e a sua maneira de transmitir a aprendizagem.

Tem como objetivo estudar o vínculo de aprendizagem do entrevistado com o seu grupo familiar.

### 2.1.6 Jogo de regras

Para Piaget (1975) começam a se manifestar entre os quatro e sete anos e se desenvolvem entre os sete e os doze anos. Aos sete anos a criança deixa o jogo egocêntrico, substituindo-o por uma atividade mais socializada onde as regras têm uma aplicação efetiva e na qual as relações de cooperação entre os jogadores são fundamentais. O jogo de regras subsiste e se desenvolve durante toda a vida por ser a atividade lúdica do ser socializado.

É importante compreender que a criança pré-escolar (dois a seis anos) tem um pensamento diferente quando está frente a uma brincadeira de grupo que implica competição. Por exemplo, sua atitude frente a uma corrida é a de que cada um pode ganhar; quando brinca de esconde-esconde a criança, muitas vezes, "mostra" onde está escondida; em "corre cotia" o pegador pode correr em volta da roda sem realmente fazer esforços para pegar o colega. A autoridade do adulto deve ser reduzida para motivar a cooperação entre as crianças, permitindo que elas tomem decisões por si mesmas, desenvolvendo, assim, a sua autonomia intelectual e social. Se tivermos bem claros os objetivos para a educação pré-escolar e o jogo escolhido para promover esses objetivos, a escolha tornar-se-á simples.

- desenvolver a autonomia através de relações seguras nas quais o "poder" do adulto seja reduzido o máximo possível;
- desenvolver habilidades de autonomia e coordenação de diferentes pontos de vista;
- despertar nas crianças a curiosidade, a atenção, o senso crítico, assim como a confiança.

### 2.1.7 Provas pedagógicas

Weiss (1992), diz que a dimensão pedagógica está relacionada ao conteúdo, metodologia, dinâmica de sala de aula, técnicas educacionais e avaliações as quais o sujeito é submetido no seu processo de aprendizagem sistemática. A Pedagogia contribui com as diversas abordagens do processo ensino aprendizagem, analisando-o do ponto de vista de quem ensina.

### 2.1.8 A hora do jogo

Na hora do jogo, o que mais interessa é a relação do sujeito com o conhecimento e o saber (Fernández 1991). É uma análise dentro de um contexto analítico e psicopedagógico. O jogo faz recuperar o prazer perdido de aprender e a autonomia do exercício da inteligência. No momento em que o indivíduo está jogando observa-se as patologias no aprender e seu significado, como se comporta em situações que tem que mostrar o que sabe, o que faz. É muito comum as expressões “eu é que sei”; “eu já sabia”.

Tem como objetivo; possibilitar o desenvolvimento e posterior análise das significações do aprender para a criança, compreender os processos que podem ter levado á instalação de patologia no aprender, analisar a modalidade de aprendizagem, ver a capacidade de argumentação da criança ao organizar seu mundo simbólico.

### 2.1.9 Entrevista com a professora

Mery (1985) relata que a entrevista escolar comumente acontece com o educador, supervisor pedagógico ou psicólogo escolar, que transmitem a visão do aluno sobre a conduta em sala, o relacionamento com os colegas e com os próprios profissionais, além da produção nas diferentes disciplinas. A professora auxilia na contextualização da queixa escolar e familiar.

### 2.1.10 Observação do material escolar

A observação dos materiais escolares (livros, cadernos, agendas, pastas, atividades, trabalhos, etc.) é um instrumento que nos ajuda compreender o modo como o sujeito se aproxima dos conteúdos escolares (Bossa 1994).

Um dos objetivos básicos é ver como são as produções, o tipo de trabalho realizado, seus erros mais frequentes, suas facilidades, para que possamos levantar hipóteses de suas possíveis dificuldades e estratégias que utilizam.

### 3 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS

#### 3.1 ANAMNESE

Segundo Freud é a relação da mãe com o seu filho, que determina a sua atuação positiva ou negativa no mundo. A mãe tem um papel fundamental na vida de um bebê.

Se for uma mãe dedicada e que passe para o bebê a segurança necessária ao desenvolvimento das etapas da vida, tudo ocorrerá dentro da normalidade. Se não for assim o bebê cresce inseguro, com as consequências que trarão dificuldades na sua aprendizagem.

A situação de ensino aprendizagem mobiliza no aluno a revivência de questões e conflitos vividos em seus primeiros relacionamentos. Neste caso, situação de aprendizagem da leitura e da escrita pode ser uma dos conflitos revividos.

Segundo a entrevista com a mãe do W, ele teve um desenvolvimento normal, andou e falou na época certa, a família ficou animada com a sua chegada, foi bem aceito e acolhido por todos.

Ela teve muita dificuldade financeira durante a gestação, mas teve o auxílio dos familiares e amigos. Por ser muito nova estava sempre precisando de conselhos, conselhos esses que ela própria diz não ter ouvido. Depois de três anos de convivência com o marido e sentiu-se desamparada, sem rumo, maltratou bastante o pequeno W, a ponto de ter a interferência da bisavó materna do menino. Mesmo separada, as brigas eram constantes com a presença do filho ou não.

W ficava dentro do fogo cruzado, de um lado a mãe, nova, sem experiência e juízo; do outro lado, o pai e que não oferecia nada e tudo exigia. Com o passar do tempo ela foi deixando a responsabilidade de mãe para a bisavó materna de W que travava brigas para que ela cumprisse o seu papel de mãe.

W tinha um comportamento não muito bom, por isso “apanhava”, era corrigido muitas vezes por ser insuportável. A mãe não impunha limites e nem dava liberdade para o menino

crescer. Depois que W completou 4 anos viu se grávida novamente. O nervosismo era muito, a falta de controle, a falta de educação e o respeito, brigava muito com o pai das crianças, mesmo quando falavam por telefone.

W foi morar com a avó, sofreu maus tratos, retornou para a casa da bisavó materna, lá permaneceu por oito meses, até que a mãe de W resolveu ir para o exterior procurar o ex-marido. Deixou o filho mais novo na casa da bisa. O W foi deixado na casa da avó paterna, onde sofreu maus tratos e foi pego pelos tios. Atualmente ele mora com os tios e de vez em quando, fica com a bisavó.

Na conversa com os tios, eles relataram-me que W era impossível, sem limites, não alfabetizado, não compreendia bem a sua trajetória de vida, não sabia nomes dos familiares, da professora, dos tios. Tiveram que iniciar o relato pelas lembranças marcadas, na maioria lembranças tristes de perdas, de maus tratos, de desequilíbrios, falta de uma família, proteção paterna e materna.

Durante um árduo período W se desenvolveu bastante, aprendeu a ler com toda dificuldade que apresentava, um trabalho conjunto da professora e dos tios ele conseguiu progredir. W está no quarto ano, mas apresenta dificuldades para aprender. Na entrevista de anamnese algumas respostas foram ocultadas, outras desviadas de assunto.

Em 2009, no mês de dezembro, a mãe retornou ao Brasil, não assumiu os filhos, mas diz que os ama muito. O contato que ela tem com o W é mínimo. Os tios me disseram que, quando ele vai ficar na casa da bisa aonde a mãe mora também, ele vem sem limites, parece esquecer tudo que lhe foi ensinado. É um trabalho difícil. Querem que a mãe assuma de uma vez por todas a responsabilidade, mas por falta de ter uma casa, diz estar impossibilitada de fazer isso.

O contato que ele tem com o pai é mínimo, apenas um telefonema de quatro em quatro meses, às vezes nem isso. W é fruto de um lar desestruturado, com muitos conflitos, não teve e não tem proteção paterna e nem a materna. O pouco que foi feito quando era apenas um bebê é mérito da bisavó. Atualmente, mora na casa dos tios que cuidam dele. Depois de toda anamnese feita com a mãe de W, é visível o esforço que ela faz ao usar expressões verbais para se promover como mãe dedicada. Ao detalhar o relacionamento que teve com o filho quando ele estava aos seus cuidados ela “esconde”, muda o tom de voz e o assunto e tenta convencer que é uma vítima da própria ignorância.

### 3.2 PRIMEIRA ENTREVISTA COM O CLIENTE

Durante o período de estágio o diagnóstico com o paciente foi feito em 10 sessões onde foi atendido o aprendiz W.P.O., sexo masculino 10 anos, filho de pais separados com um histórico de desestrutura familiar, falta de afeto materno e paterno. O aprendiz W. P. O. é um menino de olhos espertos e curiosos. Na entrevista tivemos uma conversa informal para saber nomes, o motivo da presença dele, o lugar onde estávamos. Respondeu todas as perguntas com satisfação.

Disse que tem 10 anos, faz aniversário no mês de janeiro, não gosta de estudar porque é chato, gosta de brincar, assistir televisão, jogar, colorir e desenhar. A brincadeira preferida é jogar no computador, mas quando joga com outras pessoas não gosta de perder. Perguntei-lhe sobre a sua família, disse-me que os pais nunca viveram juntos, mas que ele acredita numa família feliz. Eu fiz a pergunta “o que é a família feliz?” Disse que é ter pai, mãe e irmão, todos juntos e felizes!

Tem bom relacionamento com o irmão, acha que ele é pequeno e birrento. Quando vai para a escola, vai desanimado, só pensa na hora do recreio e no dia da recreação. Gosta mais de matemática, ciências e trabalhos de educação artística. O colega preferido é o Gustavo, gosta dele porque é comportado e inteligente.

Às vezes apronta na escola, a professora chama-lhe a atenção e reclama para a tia dele. Não apanha, mas recebe uma bronca daquelas. Ele falou pouco da mãe, elogiou a beleza dela, ficou em silêncio por alguns segundos, disfarçou e puxou outro assunto. Diz que mora numa casa, nem grande e nem pequena e que vai para a casa da bisavó nos feriados e férias.

W conhece pouco os seus parentes e pessoas que poderiam completar a sua “família”. Parece que não se importa com os estudos, não demonstrou que é importante estudar. Mostrou-se angustiado ao falar das suas dificuldades na escola, tem dificuldade em aceitar a sua realidade, por isso parece angustiado e triste ao contar a sua vida.

É perceptível a falta de estimulação cultural de W, tem uma produção escolar instável, aproveitamento regular, dificuldade para ler e escrever, péssima memorização, a professora exige, mas ele não faz, quando faz é sem capricho. Apresenta desvalorização aos estudos e está sempre fantasiando com super poderes, tenta fugir da sua realidade criando seres fantásticos e poderosos que tudo resolvem com seus raios infalíveis.

### 3.3 ATIVIDADES LÚDICAS

Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento psicológico e social da criança. Ao brincar ocorrem trocas, as crianças convivem com as diferenças, dá-se o desenvolvimento da imaginação e da linguagem, da compreensão e apropriação de sentimentos, do exercício da iniciativa e da decisão.

Dobrar papel é uma atividade sociocultural, em que as crianças podem recriar situações cotidianas, explicitando o conhecimento sobre objetos e sobre convenções sociais. Pode experimentar outras formas de ser e pensar além de estimular o traçado fino.

### 3.4 PROVAS OPERATÓRIAS

- ✓ Intersecção de classe.
- ✓ Quantificação da inclusão de classes.
- ✓ De conservação das quantidades de líquido.
- ✓ Conservação de peso.

#### PROVA DE INTERSECÇÃO DE CLASSE

O experimentador coloca as fichas dentro dos círculos que se cortam, as fichas apresentam as cores, quadrados azuis, redondas amarelas e vermelhas. Assim a criança nomeia as fichas e o experimentador faz as perguntas referentes a intersecção e inclusão de conjuntos que se apresentam.

O aprendente W, pegou as fichas disse que o vermelho é a cor preferida. Ele brincou com as fichas por alguns segundos e começamos. Diante das perguntas feitas respondeu com rapidez e certeza, acertou todas, de acordo com o autor Mac Donell (1979) no nível “3” a criança tem acerto preciso, ou seja, alcançou a etapa final de aquisição de uma noção.

## PROVA DE QUANTIFICAÇÃO DA INCLUSÃO DE CLASSES

Este teste apresenta um ramo com dez margaridas, três rosas vermelhas. O experimentador faz com que a criança nomeie as flores assegurando-se que a criança conheça o termo genérico “flores”. Procura indagar-se do manejo da quantificação inclusiva a respeito das classes.

Usei a caixa Piagetiana para executar as provas, apresentei o material pedi-lhe que me ajudasse a organizar, assim fizemos. Diante das perguntas, respondeu todas corretas, porém com dúvidas. De acordo com as respostas está no nível “3” operatório concreto.

## PROVA DE CONSERVAÇÃO DAS QUANTIDADES DE LÍQUIDO (TRANSVASAMENTO)

O experimentador apresenta para a criança vários recipientes, com dimensões idênticas, porém alturas diferentes, duas garrafas com água, uma com água colorida e a outra sem cor, coloca-se a água no recipiente que inicia o teste e começa as indagações referentes a conservação das quantidades de líquido.

A conservação das quantidades de líquido permite assumir a identidade de um objeto ou da importância do mesmo apesar das transformações. Foram apresentados todos os recipientes, ele achou o máximo, queria brincar de imediato, sem esperar as coordenadas, derramou o líquido sobre a mesa. Tivemos que enxugar para começarmos, se mostrou ansioso e queria por tudo mexer. Combinei com ele que só iria brincar depois que me respondesse as perguntas feitas. Concordou.

Julgou que as quantidades eram iguais, não importando em qual recipiente estivesse. O juízo de conservação se manteve, apesar das contra-argumentações do experimentador. De acordo com o teste realizado a criança apresentou estar no nível “3” operatório concreto.

## PROVA DE CONSERVAÇÃO DE PESO

Neste caso utiliza-se a balança, massa de cores diferentes e a idéia da criança que as massas tem bolas de mesmo peso.

O experimentador deve investigar antes de tudo se a criança tem conceito de peso e depois de apresentar cada possibilidade fazer perguntas à criança referentes à apresentação.

No início disse que eram iguais, ficou com dúvida e estudou a balança, desarmou-a e armou-a e respondeu que tinha o mesmo peso, (bola e salsicha). Ele disse: “Continua com o mesmo peso mesmo diferenciando a forma.” (salsicha e bolinhas). “O peso é o mesmo, porque as bolinhas foram feitas do pedaço de mesmo peso”. Disse ele.

Sugeriu que se contássemos uma história colocaríamos o título: Os pesos iguais.

O aprendente apresentou nível “3” (operações concretas). O raciocínio lógico está de acordo com a idade. Analisando os testes de acordo com a teoria de Mac Donell, o aprendente W está no nível 3, pensamento operatório concreto.

### 3.5 PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS

#### Par educativo

O par educativo apresenta: posição frente a frente, tamanho relativo com discriminação de tamanho, conforme a faixa etária de cada personagem, personagens completos, sem simplificações, âmbito escolar, com indicadores de aprendizagem positiva.

Demonstra bom vínculo de aprendizagem, vínculo claro com quem ensina, centrou-se na aprendizagem sistemática positiva. Resolução de conflitos deu se através da expressão verbal e escrita que se correlacionam com o desenho que apresenta carteiras, cadernos, quadro escrito, mesa, com livros, tamanhos conforme a faixa etária de cada personagens.

## Eu e meus companheiros

W pediu para desenhar na folha em posição de paisagem, porque disse que com a folha em pé não daria. Concordei com ele. Queria fazer os desenhos coloridos por isso pediu lápis de cor para colori-los.

Essa prova projetiva mostra os colegas em sala; segundo ele são os que ele mais gosta. Estão brincando dentro da sala, no momento em que a professora foi à secretaria. Na última carteira está o boneco, que é ele. Perguntei: “onde está você?”

Ele respondeu: “estou no corredor”. Gustavo está brincando com carrinhos de controle, Pedro está em pé cantarolando, Igor está lanchando, Fabrício está em destaque; segundo o W Fabrício é o mais legal.

Observando o tamanho dos personagens, percebe-se a consideração com o colega, pode apresentar desejo de amizade e de ser aceito; então, valorização e o tamanho maior, desvalorização, tamanho menor.

O entrevistado está ausente, em seu lugar está um boneco em tamanho menor. (inibição para a integração). Há a inclusão de um boneco, isso é raro (pode indicar falta de limites).

Segundo informações dadas pela professora da sala, esse grupo citado são os alunos dinâmicos, que se destacam pela boa disciplina e aplicação aos estudos.

Talvez, este seja o grupo em que o entrevistado deseja se integrar.

## Família educativa

Conforme Visca (1995), consiste averiguar a representação que o entrevistado faz com o grupo familiar e o modelo de aprendizagem transmitido, as pessoas desenhadas realizando uma determinada atividade podem ser os progenitores, irmãos, avós, tios etc. com quem existe um vínculo afetivo.

O desenho mostra o que cada membro sabe fazer no lar. Isso nada tem a ver com o vínculo estabelecido, se é positivo ou negativo; pelo qual o entrevistado possa ter com os membros da família.

## Indicadores

No desenho que o entrevistado fez mostra atividades em família: o pai tem 34 anos e conserta a casinha do cachorro; a mãe tem 26 anos e coloca ração para o cachorro, o irmão tem 7 anos e dança como Michael Jackson, imitando “ele” que está em tamanho maior que os outros personagens da família, indica aprendizagem positiva onde ele próprio se destaca pelo tamanho do desenho dele.

Todos estão fora da casa, talvez isso indica que o W não convive com o pai, muito pouco com a mãe e com o irmão. Ele pertence a uma família com problemas de convivência, cada um tem o seu trabalho, mas estão separados. W mora com o tio e às vezes passa alguns dias na casa da bisavó materna. Tem um histórico de desafeto e rejeição.

### 3.6 JOGO DE REGRAS

O jogo é um dos recursos metodológicos que apresenta um caráter lúdico e desafiador. Ao jogar a criança representa elementos da literatura infantil; essa representação lúdica é vivida intensamente e lhe dá o prazer ou o desprazer. Ao jogar a criança não perde a noção da realidade em que vive. No ensino de matemática o jogo é muito indicado, pois o aprendente, aprende brincando, trabalha estratégias de resolução de problemas e desenvolve o raciocínio lógico.

Deve ficar claro que o jogo é desafiador, desestruturando o indivíduo e possibilitando a este desenvolver a postura de analisar situações e criar estratégias próprias de resolução de problemas, ao possibilitar o desenvolvimento de habilidades como: análise de possibilidades, tomada de decisão, trabalhos em grupo, saber ganhar e saber perder, levando à reflexão e à correção de alguns conceitos.

### JOGO DA TRILHA

Tem como objetivo remover todas as peças até que restem em cada linha três peças; escolhe-se uma peça do adversário, tira-a do jogo, dificultando a brincadeira. É um jogo

fenício das regiões de Cádiz, na Espanha e Cartago, no norte da África. O jogo da trilha ensina a ter estratégia, a esperar e a respeitar vez de jogar, desenvolver o raciocínio, planejamento, atenção e rapidez.

## JOGO DE DAMA

Este jogo foi inventado na Grécia, é a mãe do xadrez. As pessoas que jogam precisam esperar a sua vez, ter uma sequência e obedecer às regras ao movimentar as peças. O jogo satisfaz a necessidade de competição, desenvolve o raciocínio, concede ao indivíduo noção de organização, participação, é divertido é um lazer para todas as horas.

O aprendiz ao jogar apresentou desempenho cognitivo, estratégias para a solução de problemas, porém ao perceber que estava em desvantagem quis mudar a regra do jogo, jogar duas vezes seguidas, tapear com brincadeiras, assunto sem sentido ou perguntas que nada tinha haver com o jogo. Quando perdeu não aceitou e disse que foi roubado, se irritou várias vezes e não queria terminar o jogo. Apresentou um comportamento de querer levar vantagem a qualquer custo, de falsidade e traição.

### 3.7 PROVAS PEDAGÓGICAS

O paciente deve ser visto como uma expressão global em que está pondo em foco o nível pedagógico juntamente com o funcionamento cognitivo, suas emoções ligadas ao conteúdo e suas ações. Por exemplo, como ele está fazendo uso da assimilação do conteúdo dentro e fora da escola.

Essa avaliação deve ser feita de diferentes maneiras, uma delas é usar as provas pedagógicas clássicas, (textos, leitura, série de problemas, ditados, composição e interpretação de textos). Com isso observa-se como está à organização em nível de antecipação, estruturação e o cuidado ou não com o material usado por ele.

## Matemática

A avaliação do cálculo é feita de duas maneiras: o cálculo mental e o escrito. Não podemos esquecer que há aspectos emocionais que podem interferir na aprendizagem de um ou de outro conteúdo.

## Português

Avalia-se o texto não com os detalhes escolares, mas com aspectos globais que auxiliam na compreensão relacionada com a queixa apresentada. O aspecto formal do texto pode ser visto e relacionado com o cotidiano próximo, verificando o significado específico para o paciente em nível inconsciente ou se apenas em patamares no desenvolvimento da língua oral e escrita.

## Leitura

Para avaliar o desenvolvimento da leitura é importante o uso de material com significado, adequado ao gosto e idade do entrevistado.

Após a leitura verificam-se vários aspectos.

## Leitura silenciosa

Após a leitura silenciosa, da parte do texto mais interessante, na opinião do paciente, pedi para ler em voz alta esse trecho. É o momento em que se pode avaliar a entonação da voz, pontuação, junção, omissão, deslocamento, de letras, sílabas, palavras e frases.

## Escrita

Na avaliação da escrita, quando se pede que o entrevistado escreva algo é para perceber: se escreve espontaneamente ou se pergunta como se deve escrever.

Avalia-se na escrita o vínculo do paciente com a mesma, o processo de escrever, o produto final em diferentes aspectos, o significado da escrita e as suas fraturas. Observa-se

também durante a leitura e a escrita, a postura corporal, o sentar, as tensões, o relaxamento, o modo de segurar o lápis, usar o livro, de se aproximar do material, a concentração, a atenção e o prazer de ler e escrever.

### Análise

Enquanto executava as provas W demonstrou insegurança, tédio e falta de interesse. Em algumas ficou animado para pintar e respondê-las, quando tinha que pensar um pouco para chegar à resposta, desejou desistir e não fazer. Conversei com ele, expliquei a finalidade e prometi ajudá-lo nos cálculos. Fez praticamente sozinho. Quando perguntava eu dizia: “Pense só um pouquinho!” Ele tem dificuldade na leitura que, por não ser dinâmica, fica difícil compreender o que leu, mas quando estimulado chega à resposta correta.

### Leitura / Escrita / Matemática

O cliente W apresentou leitura trôpega, com pausa na pronúncia das palavras, soletramento, sem pontuação, com insegurança ao pronunciar palavras desconhecidas.

### Ditado

Durante o ditado ficou inseguro, perguntou várias vezes a palavra dita, distraiu-se com facilidade, ao usar o lápis brincou com ele, fantasiando seres poderosos. Quando corrigido, agiu como se nada estivesse acontecendo.

### Interpretação Textual

W tem dificuldade de compreensão pois a leitura não é contínua, a entonação da voz é boa, velocidade da voz ao ler é normal, quando não está “a fim” usa de persuasão para mudar o assunto, apresenta troca de algumas letras ao pronunciar algumas palavras durante a leitura.

Ao registrar o conteúdo tem boa postura, segura o lápis entre o polegar, indicador e dedo médio. Gosta de recortar, colar, modificar algo, fantasia seres extraterrenos, criações fantasiosas. Ao lhe mostrar gravuras de seres humanos, brinquedos, árvores, animais e

personagens de contos, preferiu os últimos. Atividades que não requerem esforço raciocínio são suas preferidas. Não tem receio de expor seus pensamentos e opiniões.

Conforme análise das provas, apresentou erros de ortografia, supressão de letras, troca do “n” pelo “m” confundiu os números semelhantes, leva tempo para raciocinar e relembrar. Ao comparar números não respondeu de imediato se 7 é maior ou menor que 4.

O nível de construção alcançado pela criança em cada uma das noções e sua mútua inter-relação fazem referência, como sabemos, ao grau de estrutura operatória que predomina em cada etapa do desenvolvimento. Por isso é que podemos afirmar que, mediante as provas de Diagnóstico Operatório, é possível detectar o nível de pensamento alcançado pela criança ou, o que seria o mesmo, o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente.

Existe uma tendência bastante generalizada a equiparar cada estágio do pensamento a uma idade cronológica determinada, a qual como sabe, não é totalmente exata e pode levar-nos a interpretações errôneas. As idades de aquisição das estruturas de pensamento (e válido para as noções em particular) e mesmo os intervalos (momento de transição) se relacionam sempre com as condições sócio culturais e, mais especificamente, com as escolares. E não é demais relembrar que se em algum momento se faz referência à idade cronológica, só pretende-se oferecer um critério de caráter didático para a melhor compreensão do assunto.

### 3.8 A HORA DO JOGO

Brincar de faz-de-conta ou com papéis: através da brincadeira de faz-de-conta e por causa de seu caráter sócio cultural, as crianças podem recriar situações cotidianas, explicitando o conhecimento social que tem sobre os objetos, sobre as convenções sociais etc. podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e as pessoas por meio do desempenho de vários papéis sociais ou de personagens, tendo aí oportunidade de vivenciar concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas.

## Material

Caixa com tampa separável, elementos para desenhar, recortar, pegar, costurar, para olhar, para ler, para escrever, para guardar (caixinhas de diferentes tamanhos), cola plástica, fita adesiva, percevejos, ganchinhos, folhas brancas, cartões, livrinhos infantis, tesouras, marcadores, lápis, lápis de cor, massa para modelar, barbantes.

A caixa foi colocada no chão sobre o tapete bem no meio da sala com poucos móveis, para dar espaço. A psicopedagoga senta próximo à caixa. Só pode haver intervenção caso transcorridos dez ou quinze minutos e a criança não começar o jogo.

## Hora do jogo com o cliente (Análise)

Ao observar o W na hora do jogo percebe-se a presença da fantasia sobrepondo a realidade da sua vida. Quando no contexto ele fala de príncipes e de carteiro, mesclando a vida real com conto de fadas e príncipes, manifestando o pensamento fantasioso de super poderes de alcançar o impossível com magias e atitudes bizarras.

Em nenhum momento da brincadeira não mencionou sua família (pais e irmão), nem escola, nem colegas do âmbito escolar. Apresentou criação pobre, poucos personagens, sem desfecho, sem objetivo, situação aleatória a sua realidade vivida compreende que W, quis camuflar a sua situação criando situação de falsidade entre os personagens do seu teatro.

## 3.9 ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Ao conversar pessoalmente com a professora de W, ela me comunicou às dificuldades que estava tendo dentro da sala de aula em relação à aprendizagem e desenvolvimento do aprendente W, a principal queixa foi em relação à aprendizagem da leitura e da escrita.

O aprendente tem bom relacionamento com todos na escola, principalmente com a professora e os colegas da sala. Tem dificuldades em fazer leituras e interpretação textual,

calcular números o que requer concentração e resolver situação problema. Leva algum tempo para compreender como se resolve determinada sentença e qual operação usar para solucionar um problema. Gosta de jogos, quebra-cabeça, cruzadinha, desenho livre, colagem, colorir desenho, ouvir história, compartilhar a sua resposta ou opinião, sentar em dupla e sair da sala. Fica entristecido quando a professora chama-lhe a atenção por um comportamento inadequado ou quando não faz tarefas de casa. É um aluno desatento, distraído, alheio aos avisos e informações que vão para os pais. Esquece de fazer o que é de sua responsabilidade.

### 3.10 OBSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR

Analisando o material escolar do aprendente W é visível o vínculo que ele tem com o instrumento de conhecimento que é positivo, até certo ponto. Ele tem muita dificuldade de compreensão e assimilação do conteúdo, exigido no cronograma mensal da secretaria municipal de educação, porém apresenta avanços ainda que lentos ao executar atividades propostas. Por exemplo, a professora relatou que no início do ano não compunha nenhuma linha, no momento, cria textos e recria histórias ainda que com erros ortográficos e com troca de letras.

O material é mal cuidado, cadernos com rabiscos, erros sem correção pelo aluno, bilhetes e correções da professora. Escreve em cima do erro sem usar a borracha. O material é todo encapado, mas não está conservado. Falta capricho ao escrever e organizar o caderno. Apresenta vestígios de mordidas na capa dos cadernos, principalmente os de matemática e português, duas matérias bastante exigidas pela professora em sala. Distrai-se com facilidade, pára no tempo para observar o que o colega está fazendo e fica perdido nos registros ao recomeçar. Quando a professora lhe chama a atenção faz-de-conta que não é com ele, disfarça e pergunta: - O que é que eu estou fazendo? Age como se nada estivesse acontecendo. Quer sempre ser a vítima; mesmo quando envolvido em confusão com o colega o outro é sempre o culpado.

#### 4 HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

A modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem. Essa modalidade tem uma história que vai sendo construída a partir do sujeito que está inserido numa família conforme a sua aprendizagem e experiência ao adquirir o conhecimento.

Ao observar a modalidade de aprendizagem de um sujeito na sua infância percebe-se entrelaçamento com a modalidade de “aprendizagem familiar”, essa última é como se aproximar do desconhecido.

Segundo Fernández (1990), ainda que a modalidade de aprendizagem em um paciente com problemas para aprender costuma ser sintomática, por isso lhe dificulta aprender. A aprendizagem é um processo em que intervém a inteligência, o corpo, o desejo, o organismo precisam estarem articulados em um equilíbrio, e a estrutura intelectual tende a um equilíbrio para estruturar a realidade e sistematizá-la.

O paciente W apresenta inibição cognitiva de ordem interna à estrutura familiar, a modalidade de aprendizagem é hipoassimilação (esquema de objeto empobrecido, déficit lúdico, imaginação criadora pobre, dificuldade de internalização de imagens, falta de estimulação e dificuldade para aceitar o seu problema, não se interessa em aprender, usa de adivinhação, dá respostas absurdas, evita pensar).

Família desestruturada, pais ausentes e separados. Mas W prefere pensar que os pais se amam e vão viver juntos para sempre.

É importante assimilar as fantasias bizarras ou inadequadas (reis, magos, o cuco, o ratinho...) não em relação à aprendizagem, mas em relação à designação da família que estaria relacionada à articulação do sintoma.

É importante salientar que o processo de avaliação psicopedagógica implica numa tentativa de compreender a dificuldade de aprendizagem ou o fenômeno do fracasso escolar em sua pluricausalidade, de forma sistêmica, dentro de uma visão gestáltica, contextualizando as “facetras” de determinado comportamento ou sintoma apresentado.

## 5 SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS

Após a análise dos dados obtidos durante o processo de investigação foi possível constatar que o comportamento apresentado até então pela criança reflete questões múltiplas resultantes da construção e constituição do sujeito e das relações estabelecidas com os seres e com o mundo. Observando as áreas específicas que compõem o ser em sua totalidade, foi identificado que ao realizar a avaliação psicopedagógica clínica com o aluno W. P. O. concluiu que a criança apresentou.

- Bom relacionamento e interação durante o acompanhamento.
- Respeito a todos os horários e regras que foram estabelecidos.
- Déficit de aprendizagem nas disciplinas que envolvem leitura e interpretação.
- Aparente sintoma de desatenção e falta de motivação para a leitura e a escrita.
- Dificuldade para tratar os próprios sentimentos.
- Construção de baixa auto-estima decorrente do desempenho escolar.

Motivo: filho de pais separados, ausência paterna e principalmente materna.

Orientações: momento lúdico em família, maior contato com os pais, ainda que seja por telefone. Encorajamento em relação ao seu esforço com estímulos positivos, atitude de autoconfiança, força de vontade. É bom que ele faça anotações em um diário para expor seus sentimentos de angústia e de perda familiar e ao mesmo tempo incentivá-lo a gostar de ler e escrever.

É necessário encaminhamento, psicopedagógico, psicológico baseado na avaliação da anamnese infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXILINE, Vírgina Mae, LINHARES, Célia Soares. **Dibs em busca de si mesmo**. 22 ed /3 imp. Rio de Janeiro: Agir 2000

BARBOSA, L.M.S. **A psicopedagogia no Âmbito da Instituição Escolar**. Curitiba: Editora Expoente, 2001

BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

BUTELMAN, I. (org.). **Pensando as instituições: teorias e práticas em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998

CHATEAU, R.P. **O jogo e a criança**. Tradução Guido de Almeida. São Paulo, Seimms Editorial , 1987

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**. Tradução Iara Rodrigues – Porto Alegre: Artmed, 1991. 261p.23an. WINNICOTT, D. W. *Moral e Educação*. 1963

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_ **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com família, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 1994

\_\_\_\_\_ **A mulher escondida na professora**: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, de corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

GASPARIAN, M.C.C. **Psicopedagogia Institucional Sistêmica**. São Paulo: Lemos Editorial. 1997

LUCIA, Maria L. Weiss. **Psicopedagogia Clínica**. Uma visão diagnóstica. Artes Médicas. Porto Alegre. Ed. 1992.

MEC – Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental – PCN's Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. 1998

MENDES, G. **O desejo de conhecer e o conhecer do desejo**: mito de quem ensina e de quem aprende. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

MONTERO, C. e SOLE, I. (org.) **O assessoramento psicopedagógico**: uma perspectiva profissional e construtiva. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

MOTA, Márcia, et al (orgs.) **Tendências Contemporâneas em Psicopedagogia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004

NOFFS, Neide de Araújo, Nívea de Carvalho; SOUZA, Vânia de Carvalho Bueno. **Psicopedagogia em direção ao espaço transdisciplinar**. São Paulo – Fontes Editorial, 2000

PICHON-RIVIERI, Enrique. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1991 Teoria do Vínculo São Paulo: Martins Fontes, 1998

SARGO, C.; WEINBERG, C.; MENDES, M.; SOUZA, S.; MOREIRA, S. (org.). **A práxis psicopedagógica brasileira**. São Paulo: Editora ABPp, 1994

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994

VISCA, Jorge. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas**. Buenos Aires. A.G. serviços Gráficos. 1995

## ANEXOS

1 – PAR EDUCATIVO

2 – EU E MEUS COMPANHEIROS

3 – FAMÍLIA EDUCATIVA

4 – PROVAS PEDAGÓGICAS

5 – ATIVIDADE LÚDICA

## Hora do jogo com o cliente

W ficou muito curioso para abrir a caixa, a princípio, perguntou se podia abrir, eu disse que sim. Pegou um pandeiro, chocalho e disse que era música, “Vou construir um castelo”; pegou um balão vermelho vazio, encheu-o e o amarrou, o ar escapou fazendo um barulho, ele riu e voltou a encher o balão. Encheu, jogou para cima, o balão escapou, ele riu, riu. Tirou da caixa um jogo de figuras que estava dentro de um envelope, olhou, esparramou todos para cima, pegou o desenho de uma menina, balançou erguendo para cima, jogou no tapete e continuou tirando os objetos da caixa, dizendo: “vou fazer um castelo, vou fazer a maior bagunça”, cantarolava; “oi meu bem, eu vou te encontrar, hoje é o dia dos pais” (25/06/10), foi tirando, lendo, jogando, esvaziou toda a caixa e realmente fez uma bagunça geral, pegou uma embalagem vazia simulou que era o protetor solar fez um gesto como que passasse no rosto. Achou dois bonecos e disse que era a princesa e o príncipe do castelo. Depois perguntou se podia amassar a massinha, pegou-a e começou a moldar uma bicicleta do carteiro, que era ele. Disse que iria construir uma casa, mas continuou moldando a massinha. Perguntou: “você está anotando ou estudando?” Deixei a pergunta sem resposta. Tirou o giz de cera da caixa e reorganizou na caixinha, de modo que usou os quatro cantos do tapete, deixou no segundo canto os bonequinhos que não representam família, o pandeiro, o cordão médio, a caixa virada com uma embalagem em cima que outrora era o gel; no terceiro canto organizou as caixinhas abertas, com as tampas no fundo, deixando-as abertas. Confeccionou uma bicicleta e o carteiro em cima dela e deixou tudo junto. Pegou as colas coloridas e fez vários pingos multicoloridos nas folhas que antes estavam brancas, puxou o cordão, passou entre os tornozelos, pegou os pincéis atômicos dizendo que ia pintar, mas ao mesmo tempo pegou as folhas sujas de cola e dizia: “Que lindo! É assim que eu sinto”. Jogou as folhas perto de mim, virou a caixa que antes estava com os objetos, começou a rabiscá-la de todas as cores com riscos aleatórios dizendo que ia fazer uma arte. Quando rabiscou bem colocou a mão e disse: “Que lindo!” chamou a minha atenção e disse que quando podemos ver, vemos num monte de rabiscos uma obra de arte. Ele disse que via a cara de um homem com a língua para fora. Pegou a cola e disse que iria colocar o chapéu no homem. Colocou algumas coisas umas nas outras, pegou a tesoura e perguntou se podia cortar a caixa grande. Eu disse que sim. Desistiu e cortou um pedaço da folha branca para colar como chapéu no homem. Cantarolava duas músicas, que ele conhecia. Ficou dez minutos nessa construção e recomeçou a organizar

as peças semelhantes, caixas, dentro da caixa, disse que estava organizando o quarto dos príncipes. Puxou o cordão de tamanho maior, colocou em cima da caixa. Pegou novamente o pandeiro e batia na mão para fazer música. O terceiro canto do tapete continuou intacto. Ele contou que, certo dia a princesa pediu ao príncipe que pedisse ao carteiro para pegar uma rosa para ela, pois ela estava tomando banho e não podia ir. O príncipe chegando à casa do carteiro encontrou-o dormindo, o carteiro perguntou: “Quantas cartas tenho que entregar?” O príncipe disse que nenhuma.” A princesa pediu para você pegar uma rosa, pegar não, plantar é melhor.” Na ausência do príncipe o carteiro voltou a dormir, pois era o dia da sua folga. O príncipe foi dormir, em camas separadas da princesa.

Amarrou o balão amarelo com o cordão e disse que era o malvado da história, deixou-o à parte voltou ao carteiro e perguntou: “você plantou?” O carteiro respondeu que sim. (imitou voz feminina). Comentou que a princesa queria sair com o carteiro, mas ela tinha um príncipe. A princesa ficou na janela olhando ele passar. Passados alguns dias a flor brotou, mas descobriram que era uma planta carnívora. A planta cresceu, cresceu e de dentro dela saiu um bichinho atentado. Duas semanas depois as coisas estavam diferentes por causa do mau, o mau foi destruído e o bem venceu. Num piscar de olhos ele ajuntou todos os objetos bem no meio do tapete e alguns, continuavam dentro da caixa virada. Em momento algum leu o conteúdo dos livrinhos, ou da escrita nos papéis da caixa. Deitou, rolou, ajoelhou por todo o espaço disponível na sala. Expressou mais a metáfora em relação ao saber que o conteúdo, o seu enredo envolveu realidade e fantasia dentro de um contexto confuso e misto. Em momento algum citou família e nem fatos do dia-a-dia.